

Bullying: nomear é suficiente?

Elaine Deccache Porto e Albuquerque¹

Dentre as múltiplas habilidades que são próprias dos seres humanos, a linguagem desponta como uma das mais nobres. Somos “almas languageiras” e isso nos dá o poder de construir sentidos para as nossas experiências. Nesse processo, temos a tendência de nomear, não só pessoas, coisas ou lugares, mas também situações, estados, comportamentos, circunstâncias. Essa tendência, praticamente irresistível, parece tornar palpáveis os fenômenos ou acontecimentos com os quais temos que lidar. Dar um “nome” para o que vemos acontecer garante uma espécie de visibilidade ao acontecimento, que, talvez, de outro modo, passasse em brancas nuvens como algo sem importância ou natural. No caso do bullying, por exemplo, sabemos que o nome surgiu na Inglaterra na década de 80.

Hoje em dia, é improvável que alguém nunca tenha ouvido essa palavra, tal é a frequência com que circula na mídia, nas conversas, nas escolas, nos consultórios, enfim, na vida social. Quando o assunto se desenvolve, é quase lugar comum escutar alguém dizer que “isso sempre existiu”, além de ter, até, um caso do passado para contar. Se é assim, por que só mais recentemente o nome surgiu? Será que o fenômeno cresceu em quantidade, ou em intensidade? Será que a prática do bullying cruzou a fronteira do inaceitável? Ou será que a sociedade contemporânea está mais atenta e responsável quanto à qualidade dos relacionamentos interpessoais? É uma resposta possível se, ao lado da preocupação com o fenômeno, vemos se explicitar nos discursos o desejo de um mundo mais justo, mais igualitário, além de mais acolhedor às diferenças entre as pessoas.

Para se falar de certos temas, lançamos mão da palavra de especialistas, como também é o caso do bullying. Nós mesmos os colocamos num lugar privilegiado do saber, mas a verdade é que não devemos abrir mão da nossa capacidade de avaliar a consistência dos variados discursos sobre o mesmo tema. Quando prestamos a devida atenção, vemos que algumas compreensões são superficiais e/ou estereotipadas e, com isso, nos fazem acreditar no fato de que dar um nome significa conhecer e, portanto, saber como lidar e controlar. Dar um nome é apenas o começo de uma história de atenção, investigação e bastante trabalho.

Como especialista, numa rápida entrevista, a Dra. Vera Zimmermann, do Centro de Referência da Infância e Adolescência da UNIFESP, deu boas contribuições para a reflexão de quem se interessa sobre o assunto e se dispõe a continuar pensando e trocando ideias. Em primeiro lugar, ela declarou que o bullying é definido pela legislação como “atitudes de violência física ou psicológica, que ocorrem sem motivação evidente, praticadas contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidar ou agredir, causando dor ou angústia”.

Quase imediatamente após a definição, a escola surge na conversa como um lugar em que a prática ocorre, e ao mesmo tempo, o lugar no qual tal ocorrência

¹ Orientadora Educacional da Educação Infantil do Colégio Teresiano.
Doutora em Psicologia pela PUC-Rio.

precisa ser enfrentada e trabalhada. A Dra. Zimmermann lembra que a agressividade sempre existiu em todas as épocas e em todas as faixas etárias. Contudo, a tarefa de educar crianças deve reforçar o valor da amizade e desenvolver entre elas a capacidade de se colocar no lugar do outro.

No momento em que as crianças começam a frequentar grupos sociais já se pode trabalhar a instalação de regras sociais, o que implica que elas possam tolerar frustrações.

Para a especialista, a criança que passa pela situação de sofrimento pode estar fragilizada em algum momento, ou viveu alguma coisa na família em relação àquela característica que está sendo apontada na escola. A atenção à criança que pratica o bullying deve ser grande pois, de alguma maneira, sua educação está falhando, no sentido do que chamamos de valores éticos.

Da parte dos que trabalham na escola, é necessário que estejam sempre de prontidão, principalmente nos lugares extraclasse, nos parques, nos intervalos e que ajudem a controlar situações onde está havendo algum agrupamento em torno de uma situação agressiva.

Ao ser questionada sobre punição, a Dra. Zimmermann enfatiza que o ambiente deve ser responsável. Há que se convocar família e escola para providenciar uma situação que proteja as crianças dessa agressividade que é normal, em alguma medida, e que, quando ela se torna patológica, que todos possam ser defendidos. Ela declara que algumas situações podem ser prevenidas. Acredita também que as escolas ou outras instituições que providenciam espaços para discutir, por exemplo, como minimizar panelinhas, como sensibilizar para situações de exclusão, como discutir isso com os alunos, serão recompensadas.

Em um convite à família e à escola para trabalhar em conjunto, a especialista chama atenção para a importância de se levar em conta que algumas situações de agressividade são naturais e necessárias, pois uma assepsia muito grande, ou um ambiente politicamente correto em excesso, podem produzir situações de agressão muito maiores, no sentido de surgirem descargas repentinas aparentemente inexplicáveis. Então, cabe aos adultos a compreensão de que, na convivência, as crianças precisam exercitar o controle da agressividade, sem que se passe para a produção de situações extremas, nem para o exagero da agressão, nem para o exagero da assepsia.

A conversa poderia ir muito longe a partir das contribuições da Dra. Zimmermann. Quem trabalha na escola está diretamente implicado nas práticas de relacionamento de adultos, jovens e crianças e isso nos oferece a oportunidade de vivências complexas e muito enriquecedoras. Além de nomear, tendemos a falar sobre as coisas de um modo geral, sem nos determos nas particularidades de cada situação. Só que, quando falamos “de um modo geral”, a nossa fala só faz pensar até certo ponto, justamente por não chegar até o caso em sua singularidade. Mas a grande experiência que a vida da escola nos dá vem, muito mais, da variedade e diferença dos casos do que das situações que vemos se repetir. Daí a necessidade da escola trabalhar em conjunto com as famílias numa relação em que a transparência e a confiança sejam valorizadas e buscadas sempre. Nesse sentido, a grande receita seria investir na qualidade da interlocução.

O dia a dia das crianças e adolescentes na escola nos mostra seus desejos, seus medos, inseguranças, habilidades, gostos, preferências, dificuldades, suas escolhas de

amizade, além da qualidade dos seus vínculos de relacionamento. Precisamos perceber e aceitar que, ao lado de tantas responsabilidades e tarefas a cumprir, na escola também se aprende a conviver. Essa aprendizagem requer atenção, porque dela também fazem parte os percalços.

As crianças pequenas costumam expressar o que sentem com mais espontaneidade. Entre elas, desde cedo vemos como algumas despertam admiração entre seus pares, a ponto de fazer com que ajam para agradá-las. Também é comum que algumas crianças tenham sua amizade disputada por sua capacidade de liderança, por suas boas idéias para brincadeiras, e também por sua habilidade de negociar e lidar com os conflitos que surgem.

Os acontecimentos são sempre recheados de sentimentos e percepções. Em meio a eles, vamos nós, os adultos, acompanhando, intervindo, mediando e nos abastecendo com o que recebemos das crianças e dos adolescentes pelas características do nosso trabalho.

E qual seria o nome para tudo isso? Quem se aventura a nomear esse tipo de experiência? Talvez seja prudente escutar Clarice Lispector em seu trabalho de procurar *Como se chama*:

"Se recebo um presente dado com carinho por uma pessoa de quem não gosto — como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente — como se chama essa mágoa e esse rancor? Estar ocupada, e de repente parar por ter sido tomada por uma desocupação beata, milagrosa, sorridente e idiota — como se chama o que se sentiu? Até hoje só consegui nomear com a própria pergunta. Qual é o nome? E este é o nome".

Enquanto procuramos um nome, não deixamos de pensar sobre os acontecimentos, sem desconsiderar que neles raramente estamos sós. Porém, mais que dar um nome, importa abrir diálogos e seguir buscando compreensões mais ampliadas por entre as tramas delicadas das relações humanas.